

A representação das classes populares e os percalços causados pela modernização em *Usina*, de José Lins do Rego

Kedma Janaina Freitas Damasceno*

Elayne Castro Correia†

Gabriela Ramos Souza‡

Resumo

O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise do romance *Usina* (1936) – o último que constitui o chamado “ciclo da cana-de-açúcar” –, de José Lins do Rego, com base na relação entre ficção e história, manifestada em seu enredo principalmente a partir da representação da transição de um período tipicamente agrário para outro baseado no avanço tecnológico e na modernização da casa grande. A hipótese é que tal modernização, visando sempre ao lucro e à aquisição de um nível econômico superior, causa inúmeros percalços, sobretudo na vida dos menos favorecidos, pertencentes às classes populares. As condições precárias dos negros recém-libertos, dos trabalhadores da usina e das mulheres denunciam as consequências de um avanço industrial colocado em prática sem o devido planejamento. A problemática é apresentada a partir da perspectiva da crítica dialética de Antonio Candido, que defende a fusão entre texto e contexto, observando como este passa a constituir a estrutura interna da obra. Observa-se que, por meio da implantação da usina Bom Jesus, a matéria principal do romance é a transformação do homem e das relações humanas, e que os desajustes causados por essa *pseudomodernização*, possibilitados pela ambição do personagem Dr. Juca, dialogam bastante com o contexto histórico vivenciado no Brasil das primeiras décadas do século XX, em especial com as transformações políticas, econômicas e sociais dos anos de 1930, ocorridas no governo do presidente Getúlio Vargas.

Palavras-chaves: *Usina*; José Lins do Rego; Modernização; Classes Populares; Transformação; Perda.

Abstract

This article aims to analyze the novel *Usina* (1936), – the last one that constitutes the called “sugar cane cycle”– by José Lins do Rego, based on the relationship between fiction and history, manifested in its plot, mainly from the representation of the transition from a typically agrarian period to another based on the big house’s technological advancement and modernization. The hypothesis is that such modernization, always aiming at profit and the acquisition of a superior economic level, causes countless mishaps, mainly in the less favored’s lives, belonging to the

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Literatura Comparada e Graduada em Letras Português/Literatura pela mesma universidade. Integra o Grupo de Estudos de Literatura, Tradução e suas Teorias -GELTTE/UFC/CNPq e o Núcleo Antonio Candido de Estudos de Literatura e Sociedade.

† Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (PPG Letras-UFC). Área de concentração: Literatura Comparada. Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Sua pesquisa tem ênfase nas literaturas e críticas latino-americanas, em especial a literatura peruana. Integrante do GELTT - Grupo de Estudos de Literatura e Tradução e suas Teorias, coordenado pela professora Roseli Barros Cunha. Professora da rede de ensino básica.

‡ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Literatura Comparada da Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela UFC.

popular classes. The precarious conditions of newly freed blacks, workers of the factory and women denounce the consequences of an industrial advance applied in practice without proper planning. The matter is presented from the perspective of Antonio Candido's dialectical criticism, who defends the fusion between text and context, observing how this becomes the work's internal structure. It is observed that, through the implantation of the Bom Jesus plant, the main subject of the novel is the transformation of man and human relationships and that the mismatches caused by this pseudo-modernization, made possible by the ambition of the character Dr. Juca, dialogue a lot with the historical context experienced in Brazil in the first decades of the 20th century, especially with the political, economic and social transformations of the 1930s, which occurred during the government of president Getúlio Vargas.

Keywords: *Usina*, José Lins do Rego, Modernization. Popular Classes, Transformation, Loss.

[...] Nordeste da cana-de-açúcar,
da casa grande dos engenhos,
dos sobrados de azulejo,
dos mucambos de palha de coqueiro
ou de coberta de capim-açu.
Nordeste da primeira fábrica brasileira de açúcar
e talvez da primeira casa de pedra e cal, [...]¹

Nestes versos de Gilberto Freyre, estão enfatizados alguns elementos que marcaram a história da região Nordeste durante o período colonial, mas chegaram ainda com bastante força aos anos iniciais da república. “Cana-de-açúcar”, “casa-grande”, “engenhos”, “sobrados” e “mucambos” são palavras-chave de um panorama histórico imbuído de desigualdades, exploração do trabalho e anseio pelo desenvolvimento econômico. Embora o poema de Freyre não apresente esse viés de denúncia ou de depreciação do sistema econômico com base principalmente na monocultura – uma vez que o intelectual enxergava no referido sistema valores positivos para a formação da sociedade brasileira –, optamos por trazer esse trecho do poema como epígrafe por ratificar a importância do açúcar para a economia da região (“Nordeste da primeira fábrica brasileira de açúcar”) e do país, em geral, servindo como um mote para as discussões que virão a seguir.

*Usina*², a quinta obra do escritor paraibano José Lins do Rego (1901-1957), é o livro que encerra o chamado “ciclo da cana-de-açúcar”, trazendo como temática principal a modernização do engenho Santa Rosa, que era administrado pela figura patriarcal do Coronel José Paulino, como descrito nas obras anteriores de *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Banguê* e *Moleque Ricardo*, publicadas em 1932, 1933, 1934 e 1935, respectivamente. Depois da morte do senhor de engenho e do fracasso da administração de seu neto Carlos de Melo, narrados em *Banguê*, o engenho passa às mãos do filho do Coronel, Dr. Juca. Este, ambicionando o poder, o luxo e a riqueza, transforma o Santa

¹ FREYRE, Gilberto. *Talvez Poesia*. 2.ed., ampl.- São Paulo: Global, 2012, p. 42.

² REGO, José Lins do. *Usina*. In: REGO, José Lins. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 714.

Rosa em uma usina açucareira – a Bom Jesus – que, com todo o seu maquinário, imprime ares de industrialização e modernidade ao antigo engenho, ao passo que estabelece também novas formas de exploração do trabalho.

Em seu interessante livro *O romance do açúcar: José Lins do Rego, vida e obra*³, Edilberto Coutinho faz um levantamento da vida e da obra do autor paraibano, destacando tanto o grande escritor que ele foi, quanto sua dimensão humana de homem complexo, considerado por alguns como difícil, estranho, porém também visto como generoso, nobre, bondoso e corajoso por pessoas que com ele conviveram. Trata-se de um resumo bibliográfico e crítico que conta com importantes depoimentos sobre José Lins como os de Rachel de Queiroz, Gilberto Freyre, Carlos Drummond de Andrade e outros. O volume contém ainda o discurso de posse do escritor ao ingressar na Academia Brasileira de Letras em 15 de dezembro de 1956 e uma palestra que proferiu na Argentina em outubro de 1943, emitindo suas ideias sobre as tendências do romance brasileiro. Na última parte do livro, Coutinho destaca os excertos das obras que considera “Romances do açúcar”, são elas: *Menino de Engenho*, *Banguê*, *Usina* e *Fogo Morto*.

Indubitavelmente, José Lins do Rego é um dos principais nomes do chamado “Romance de 30”. Ao lado de escritores como Graciliano Ramos (1892-1953), Raquel de Queiroz (1910-2003) e Jorge Amado (1912-2001), sua obra ficcional aborda questões voltadas para problemáticas sociais que se acentuavam principalmente no Nordeste do país. Contudo, por lançar uma arguta visão crítica sobre as relações humanas e sociais, é possível afirmar que ultrapassa o caráter dito “regionalista” e alcança o *status* de universal.

Essas questões envolvendo o termo regionalismo podem ser mais compreendidas a partir da pesquisa de Nabupolasar Alves Feitosa, *Pé-de-fogo: o regionalismo entre a política e a estética*⁴. Nabupolasar explica que o regionalismo proposto por Gilberto Freyre foi um movimento político-social e cultural, não centralmente literário, “para fins de defesa de classe”. Por sua vez, para José Lins do Rego tratava-se do seu lugar de fala para o universal. Ainda segundo Nabupolasar, embora Gilberto Freyre e José Lins do Rego tenham sido muito próximos, influenciando, inclusive, na produção intelectual um do outro, o posicionamento acerca do regionalismo nem sempre era convergente:

A escolha, feita por José Lins do Rego, em expressar a língua do povo como metodologia de produção do romance tinha por objetivo, também, a expressão da identidade nacional mais profunda, o desenho do que era ser brasileiro. Era a

³ COUTINHO, Edilberto. *O romance do açúcar: José Lins do Rego, vida e obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

⁴ FEITOSA, Nabupolasar Alves. *Pé-de-fogo: o regionalismo entre a política e a estética*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

manifestação estética por excelência coadjuvada por algo de cunho ideológico identitário.⁵

A escrita de José Lins caracteriza-se, portanto, pela representação da realidade local, dos conflitos e das formas de expressão. Está permeada ainda pelas marcas do historicismo, visto que estão imbricados em sua estética literária certos elementos da realidade contextual e histórica que perpassam a sua narrativa e descortinam as tensões existentes entre o ficcional e o real. Inclusive, Jayme de Barros⁶ afirma que

o maior valor da obra de romancista do Sr. José Lins do Rego, sem prejuízo de sua significação literária, e que a distância da de todos os outros romancistas modernos, resulta do caráter de documentação de que se reveste. Eu a aconselharia a quantos queiram conhecer a história econômica e social do nordeste do Brasil e o drama humano que a anima a leitura dos cinco volumes que o grande romancista subordinou, agora, à epígrafe geral de Ciclo da Cana-de-açúcar. Nenhuma obra nos dá uma impressão tão intensa, fremente e clara das lutas pela sustentação de uma das primitivas riquezas nacionais, de que vivem, há séculos, populações imensas, sacrificadas, a princípio, pelo regime de escravidão, depois pelo determinismo das transformações econômicas.⁷

Embora seja uma obra literária, Barros a indica como leitura para quem deseja conhecer a história. No entanto, não seria mais apropriado ler um livro de história? Paul Ricoeur, em *Tempo e narrativa (Tomo III)*⁸, defende que a própria história tem uma dimensão literária. Posto isso, continua a indagação: qual seria a leitura mais adequada para conhecer a história? Longe de descreditar qualquer área ou encerrar o debate, pretende-se enfatizar, aqui, uma profícua relação entre história e literatura, em que a primeira possui uma dimensão subjetiva, característica da segunda, enquanto a segunda toma de empréstimo grande parcela dos materiais da primeira. Logo, neste caso, é válida a leitura da literatura para conhecer a história, uma vez que, ao apropriar-se da história, em muito a enriquece, a partir da inovação de recursos narrativos, aproximando o leitor não só da realidade, mas dos dramas humanos.

Por conseguinte, a partir da leitura de *Usina*, pensando nessa relação entre literatura/história, sobretudo a partir da observação da vida de alguns personagens, abordaremos os percalços causados pela transição de um sistema econômico antigo (agrícola e com mão de obra escravista) para um sistema moderno (industrializado e com mão de obra “livre”). Para isso, será enfatizada a questão da modernização do engenho e suas consequências para as classes populares, principalmente para os negros “recém-libertos”, os trabalhadores da usina e as mulheres. Dessa

⁵ Ibidem, p. 34

⁶ BARROS, Jaime de. Usina. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO; Ângela Bezerra de (Org.). *José Lins do Rego*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; João Pessoa: Edições FUNESC, 1991.

⁷ Ibidem, p. 305.

⁸ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

forma, pretendemos contribuir para a compreensão dessa narrativa no contexto da realidade brasileira, em especial a nordestina, dos anos de 1930.

Cabe ressaltar, porém, que a análise feita aqui é com base nos métodos da crítica literária. Antonio Candido, em seu texto “Crítica e Sociologia” – presente na obra *Literatura e Sociedade* –, ao comparar essas duas formas de abordagem do texto literário, afirma que a sociologia da literatura caracteriza-se como “o tratamento externo dos fatores externos”⁹ ou ainda como “uma disciplina de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pela crítica”.¹⁰ Ou seja, trata-se de um método que investiga a literatura principalmente a partir do que está fora da obra, como a preferência estatística por um gênero ou a origem social dos autores. Já a crítica literária, segundo o estudioso, “busca analisar a intimidade das obras, e o que interessa é averiguar que fatores atuam na organização interna, de maneira a constituir uma estrutura peculiar”¹¹. Com isso, por meio de uma interpretação dialética que procura fundir texto e contexto, vislumbra-se a integridade da obra. É o que procuraremos fazer no presente trabalho: observar como os elementos históricos e sociais estão imbricados no enredo do romance, de modo que passam a compor a sua estrutura interna.

Usina está dividida em duas partes: a primeira, intitulada “O Retorno”, é composta por três capítulos que apresentam o regresso do moleque Ricardo ao engenho de onde havia fugido havia oito anos em busca de uma vida melhor em Pernambuco, bem como os últimos dias em que passou na prisão em Fernando de Noronha, e depois já livre em Recife. Por sua vez, a segunda, denominada “Usina”, é composta por trinta e um capítulos que retratam a ascensão e a falência da usina Bom Jesus em meio a uma gama de personagens que enfrenta os mais diversos dramas.

No quinto volume do livro *A literatura no Brasil*, organizado por Afrânio Coutinho, o crítico Luís Costa Lima afirma que “Usina, como tal, só começa propriamente na segunda parte. O que vem antes é um adendo desnecessário e fraco do livro anterior”.¹² De fato, a narração sobre o advento da usina só aparece na segunda parte; contudo, apesar de parecer deslocada do todo da obra, a primeira trata de um personagem de suma importância que, tendo vivenciado outros tempos do engenho Santa Rosa, retorna e o encontra em plena transformação. É possível conjecturar, portanto, que o moleque Ricardo fora escolhido pelo autor para sintetizar o passado, o presente e o futuro do antigo engenho. Embora não apareça tanto na segunda parte, Ricardo também sente

⁹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9a.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 14.

¹⁰ *Ibidem*, p. 14.

¹¹ *Ibidem*.

¹² LIMA, Luís Costa. Regionalismo: José Lins do Rego. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: modernismo*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A., 1970, p. 293.

na pele as consequências de uma modernização desregrada e vivencia um desfecho que dialoga muito bem com esse contexto – como será apresentado mais à frente.

A segunda parte do romance, no que se refere à modernização do engenho, começa com a narração do fracasso de Carlinhos – como é chamado o personagem Carlos de Melo – e das pretensões da família em progredir:

Depois que Carlos de Melo deixou o Santa Rosa, fugindo dos pavores que o atormentavam, entregando seu patrimônio aos parentes, o velho engenho se transformara de alto a baixo. A família queria uma usina, alcançar o progresso, igualar-se com outras, que haviam subido de condição, com as turbinas e vácuos. O Dr. Juca, do Pau-d'Arco, enfeixara em suas mãos todos os poderes dessa transformação.¹³

Com o intuito de competir e até mesmo superar a usina São Félix, do Dr. Luís, o clã de José Paulino concede a Juca os poderes para colocar em prática o novo empreendimento, e a personagem passa a ser “Legítimo dono, senhor absoluto ficara o Dr. Juca, pois os parentes de fora foram aos poucos cedendo aos seus planos, às suas ideias”¹⁴. Para isso, inicialmente adquiriram as ferragens de outra usina, que se desfizera do antigo maquinário, a fim de aumentar de capacidade. Esse negócio foi considerado excelente por quase todos da família, pois tudo foi comprado por um preço muito baixo.

Gladson de Oliveira Santos, no livro *José Lins do Rego e a modernização da economia açucareira nordestina*¹⁵, ao analisar o impacto do processo de modernização na usina Bom Jesus, revela as transformações no Nordeste açucareiro, acompanhada da resistência do poder patriarcal rural. Segundo o pesquisador, ao fundar a sua própria usina, o Dr. Juca, filho do Coronel José Paulino, estava afastando o fantasma da expropriação por dívida: “A usina dava aos seus proprietários vantagens que não se resumiam aos ganhos econômicos. Ela permitia o acesso a um poder muito maior que qualquer senhor de engenho já houvesse exercido”¹⁶.

Em seu interessante ensaio “O rito da modernização impossível”¹⁷, José Luiz Passos faz uma abordagem da obra, destacando as dificuldades e as perdas causadas pela modernização do engenho, sobretudo nos setores: familiar, moral e econômico. Para ilustrar, o autor acrescenta uma consideração do próprio José Lins sobre *Usina*:

Em nota à primeira edição de *Usina*, José Lins aponta que o seu novo romance era a história do engenho “arrancado de suas bases, espatifado, com máquinas de

¹³ REGO, José Lins do. *Usina*. In: REGO, José Lins do. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 714.

¹⁴ *Ibidem*, p. 717.

¹⁵ SANTOS, Gladson de Oliveira. *José Lins do Rego e a modernização da economia açucareira nordestina*. São Paulo: Perse, 2014.

¹⁶ *Ibidem*, p. 125.

¹⁷ Encontra-se como apresentação da 20ª edição de *Usina*, publicada em 2010 pela editora José Olympio.

A representação das classes populares...

fábrica, com ferramentas enormes, com moendas gigantes devorando a cana madura”. A violência desse novo processo sugere que o ponto de partida do romancista foi o da modernização como perda.¹⁸

E essas perdas atingem mais diretamente, como era de se esperar, as pessoas que compõem as classes populares representadas na obra: os ex-escravizados e seus descendentes que se mantiveram trabalhando no engenho, os trabalhadores do eito e da várzea, os funcionários da usina e os sertanejos. Os negros sentiram, com essa transição, as consequências violentas de uma transformação de certos hábitos domésticos, com os quais alguns estavam acostumados desde o período escravocrata. Os elementos de afetividade e de certas concessões que existiam no antigo sistema lhes são arrancados em prol de uma modernização devastadora, orquestrada por alguns privilegiados que não se importavam com o bem-estar dos menos favorecidos.

As mudanças com a industrialização do engenho que impactaram diretamente na vida de funcionários, negros libertos e de seus descendentes foram observadas por Mariana Duarte, em seu livro *Enxadas de açúcar: economia e formação social na ficção de José Lins do Rego*¹⁹. A aquisição de maquinário resultava na menor necessidade de pessoas, além de demandar profissionais especializados, o que não condizia com a situação do perfil dos negros, sobretudo os com idade mais avançada. Segundo a pesquisadora, em “Usina, a degradação do espaço físico e do homem corresponde às dificuldades enfrentadas pela usina do Bom Jesus”²⁰.

As transformações começaram pela casa-grande. O Dr. Juca não queria mais que esta fosse a mesma dos tempos de seu pai, afinal, agora com a usina receberiam várias visitas, por isso a necessidade de dar uma melhor aparência ao Santa Rosa:

A velha casa, onde o velho José Paulino vivera os seus oitenta e tantos anos, se reformara também. Ali na cozinha, nas portas largas por onde entravam e saíam os moradores e as negras, tinham posto grades de ferro. A sala de visitas se enfeitara de poltronas, como as que se viam nas casas da cidade. Os quartos de dormir se furraram. O grande casarão tomava assim outras cores, outro jeito, outras maneiras de receber os que chegavam. Aquele ar bonacheirão, aquelas portas abertas, a cozinha sempre cheia de gente, tudo que era tão natural e tão seu, se fora. A casa-grande da usina não podia continuar a ser uma casa-grande de engenho. O Dr. Juca cuidara de dar-lhe uma cara mais decente. Aquela banca do alpendre de pau bruto, aonde o velho José Paulino dava as suas audiências, fora substituída, desaparecera para um canto qualquer. Ali agora brilhava a palha branca de umas cadeiras de vime. A rua, a antiga senzala dos negros, não podia ficar bem defronte de uma residência de usineiro. Botaram abaixo. E as negras

¹⁸ PASSOS, José Luiz. O rito da modernização impossível. In: REGO, José Lins do. *Usina*. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010, p. 12.

¹⁹ DUARTE, Mariana. *Enxadas de açúcar: economia e formação social na ficção de José Lins do Rego*. Curitiba: Appris, 2015.

²⁰ *Ibidem*, p. 105.

tiveram que procurar abrigo mais longe. Avelina, Luísa, Generosa, Joana Gorda que fossem arranjar os seus teréns lá para o alto.²¹

Esse trecho representa bem as transformações realizadas na antiga casa-grande. Referente às mudanças e remodelações pelas quais passaram os antigos engenhos não apenas no século XX, mas também nos séculos anteriores, constituem-se como importantes referenciais teóricos os seguintes trabalhos: *Açúcar amargo*: arquitetura e arqueologia industrial do século XVI ao XIX, de Esterzilda Berenstein de Azevedo²², e *Engenho e arquitetura*, de Geraldo Gomes²³. O primeiro constitui-se como uma compilação da dissertação de mestrado da autora defendida em 1985, intitulada *Arquitetura do Açúcar*, – que foi publicada em livro em 1990 –, e da sua tese de doutorado defendida em 1994, intitulada *Açúcar Amargo*. Embora o trabalho analise principalmente os engenhos do Recôncavo Baiano no período que vai do século XVI ao XIX, faz-se interessante como um complemento para a nossa discussão, uma vez que Azevedo investiga as oscilações da economia açucareira e os ciclos de construção ou ampliação dos engenhos, analisando assim as relações existentes entre a arquitetura desses espaços, o sistema produtivo e a economia do açúcar.

Em *Engenho e arquitetura*, também uma adaptação de um trabalho acadêmico, Gomes utilizou-se de uma quantidade generosa de fontes e iconografias para analisar a arquitetura dos engenhos de Pernambuco, o que compreende a casa-grande, a capela, o engenho propriamente dito e as senzalas. Ainda que *Usina* se passe ficticiamente na Paraíba, o estudo de Gomes é um interessante material para compreender os processos pelos quais os engenhos passaram, principalmente as mudanças de aspectos arquitetônicos essenciais, demonstrando a importância dos senhores de engenho em contraste com a exploração dos escravos.

Sendo assim, as conseqüentes transformações incidem principalmente na vida e na convivência dos negros naquele ambiente. As grades de ferro colocadas nas portas da cozinha metaforizam o fim de um regime em que o senhor permitia aos seus subjugados certa proximidade com a família por meio da afetividade, tão característica no sistema escravista patriarcal, representado pela figura de José Paulino nas obras anteriores. Em *Menino de engenho*, por exemplo, Carlos de Melo relembra a convivência que mantinha com as negras:

Na rua a menina do engenho encontrava os seus amigos: os moleques, que eram os companheiros, e as negras que lhes deram os peitos para mamar; as boas servas nos braços de quem se criaram. Ali vivíamos misturados com eles, levando carinho das negras mais velhas, iguais aos seus filhos moleques, na partilha de seus carinhos e de suas zangas. Nós não éramos irmãos-de-leite? Eu não tivera esses

²¹ REGO, José Lins do. *Usina*. In: REGO, José Lins do. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 716.

²² AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. *Açúcar Amargo*: arquitetura e arqueologia industrial do século XVI ao XIX. Salvador: EDUFBA, 2021.

²³ GOMES, Geraldo. *Engenho e arquitetura*. Recife: Fundaj; Ed. Massangana, 2006.

irmãos porque nascera na cidade, longe da salubridade daqueles úberes de boas turinas. Mas, a mãe-de-leite de Dona Clarice, a Tia Generosa, como a chamávamos, fazia às vezes de minha avó. Toda cheia de cuidados comigo, brigava com os outros por minha causa.²⁴

Nesse sentido, é perceptível que, com a instalação da usina e a busca exacerbada pelo lucro, qualquer resquício de sentimentalismo em relação aos ex-escravizados, por parte do administrador, é deixado de lado. Depois da intervenção de D. Dondon, a esposa do Dr. Juca, o usineiro consentiu que as mulheres negras, mesmo a contragosto, ficassem na velha casa de D. Inês, uma casa abandonada na qual ninguém queria morar com a justificativa de ser mal-assombrada. E os desgostos continuaram, pois, com a implantação da usina, houve também uma substituição de papéis nas relações de trabalho: novos empregados para a casa-grande, químicos no lugar dos velhos cozinheiros de açúcar etc. De modo a ilustrar esse contexto, cita-se o episódio em que o Dr. Juca, quando decidiu contratar uma nova cozinheira, vinda da Paraíba para substituir os serviços da velha Generosa, esta ficou bastante ressentida e revoltada com a atitude do usineiro:

A negra não se enganou. Sabia o que era aquilo e abriu-se em lástima. Desde que o velho fechara os olhos que aquela casa só andara para trás. Ninguém podia viver mais. O Dr. Carlinhos fora aquela desgraça que se vira. Agora era o Dr. Juca botando tudo abaixo. Só podia ser mesmo castigo de Deus. E chorou. Só não ia para outro lugar porque não tinha mais pernas para nada. Era um caco velho. Tudo que era bom tinha se acabado.²⁵

Percebe-se que, na visão de Generosa, ao contrário do que enxergavam Dr. Juca e seus parentes, depois da morte do Coronel “aquela casa só andara para trás”. Enquanto os proprietários viam na usina oportunidades de progresso, modernização e enriquecimento, impulsionados pelo lucrativo e favorável preço do açúcar, Generosa, representando todo o seu grupo e os demais componentes das classes populares, enxergava retrocesso, caos e desmoração, por isso ela chorava e se lastimava.

Porém, as mulheres e os homens negros não foram os únicos que sofreram com as mudanças causadas pela implantação da usina. Alguns dos antigos empregados do Coronel José Paulino também tiveram que se mudar para ceder o lugar ao plantio de cana. O velho Teodoro, a exemplo, sempre que ia ao barracão, maldizia-se daqueles transtornos.

Criara-se no Santa Rosa. Os filhos dele já eram homens feitos, todos puxavam a enxada do velho José Paulino. Ele tivera o seu sítio na Várzea, aonde fazia o seu roçado, plantava a sua fava, o seu algodão. Veio aquela desgraça e levou tudo.

²⁴ REGO, José Lins do. Menino de Engenho. In: REGO, José Lins do. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 90-91.

²⁵ REGO, José Lins do., op. cit. p. 721.

Teve que se mudar para a Caatinga, levar os cacos dele para uma terra que nem água tinha para beber.²⁶

O velho não se importava que, assim como os filhos, tivesse que pegar pesado na enxada, trabalhando no eito da usina. Todavia, ter de deixar o sítio da várzea, do qual cuidara por 40 anos e de onde tirava o seu sustento, era uma grande tristeza.

O velho lembrava-se do dia em que o feitor chegou com a notícia. Ninguém acreditava. Seria possível que o Dr. Juca fizesse uma coisa daquela? Ele mesmo foi falar com o doutor e voltou com a notícia definitiva: a terra, que fora deles, seria para a usina. A usina não podia perder um palmo de terra de várzea. Eles que fossem para a caatinga. Subissem, deixassem a várzea para a cana, terra ótima para algodão não faltava no Santa Rosa. A mulher de Teodoro chorou. E deixaram a várzea numa manhã de chuva. Parecia o dia do enterro do Coronel José Paulino. Um dia infeliz aquele! Agora ninguém sabia que tivesse havido casa por onde fora o seu sítio tão querido. O partido de cana cobria tudo de verde. Teodoro não prestava mais para nada. Era um caco. Só dava mesmo para se lastimar. Os filhos tinham tomado o lugar dele no cabo da enxada. Por isto deixavam que ele batesse boca, contasse histórias, falasse da vida.²⁷

É certo que o velho Teodoro é mais um dos representantes das classes populares que sofreu com a chegada da usina. Na época do Coronel, como de fato acontecia com muitas famílias de trabalhadores livres, era comum que o proprietário cedesse um pedaço de terra para que o trabalhador e os seus familiares morassem, cuidassem e cultivassem, retirando dali alimentos para seu próprio sustento. Contudo, “a usina pedia que se botasse o coração de lado”²⁸, e o Dr. Juca assim o fez, uma vez que não mediu esforços para plantar cana em todos os espaços possíveis, não se importando com nada, nem ninguém. O resultado disso foi o sentimento de abandono e de inutilidade por parte dos subalternos, haja vista que tanto Generosa quanto Teodoro sentiram-se descartáveis diante de tantas mudanças advindas com a modernização do antigo engenho.

Para pensarmos sobre o momento histórico em que a obra está inserida, localizamo-nos no sexto ano do governo de Getúlio Vargas, que, em 1930, assumiu a presidência do país após impedir a posse do presidente eleito Júlio Prestes, caracterizando o momento conhecido como a revolução de 1930. Três anos antes do lançamento de *Usina*, como afirma José Luiz Passos em seu ensaio citado anteriormente, Vargas havia criado o Instituto do Açúcar e do Alcool com o objetivo de “regular a produção sucroalcooleira, combater a prática do *dumping*²⁹ e estabelecer cotas de produção, a fim de evitar o oligopólio e a anarquia dos preços”³⁰. Ao exercer um governo em que predominava a centralização do poder e a política trabalhista, entre outras características, é evidente

²⁶ Ibidem, p. 757.

²⁷ Ibidem, p. 758.

²⁸ Ibidem, p. 720.

²⁹ Ação ou expediente de pôr à venda produtos a um preço inferior ao do mercado, especialmente no mercado internacional (p.ex., para se desfazer de excedentes ou para derrotar a concorrência).

³⁰ PASSOS, José Luiz., op. cit., p. 9.

que Vargas tomaria medidas, como a criação do Instituto, visando a controlar e direcionar o andamento desse mercado econômico tão forte na região Nordeste, de modo a caracterizar o quadro de transições que está impresso em *Usina*:

Realizada ao longo das primeiras décadas do século XX, esta mudança social que serve de moldura para o romance de José Lins foi tecnológica, familiar e política. Afinal, a concentração intensiva de poder por parte de clãs tradicionais representava um desafio para a política de Vargas: como modernizar o trabalho, a produção e o Estado sem com isto alimentar capitais regionais e conglomerados com altíssima influência na pauta econômica nacional? Para a confecção de *Usina*, o material à mão do romancista era, enfim, esse tempo presente que havia transformado de vez aquele universo senhorial característico, tão ricamente evocado em *Menino de engenho* (1932) e *Banguê* (1934).³¹

Essa política de Vargas, que já estava na iminência do Estado Novo (1937-1945), apesar de seu caráter ditatorial, da redução das liberdades civis e da implantação da censura, fortaleceu a política trabalhista, destacando-se a criação do salário mínimo, em 1940, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em 1943. No romance de José Lins, esses direitos trabalhistas inexistem, pois o que se vê é uma classe trabalhadora cada vez mais explorada e subjugada. Dois ensaios de Antonio Candido, que se encontram no livro *A Educação pela Noite*, constituem-se como leituras importantes para entender esse momento nas artes e na política do país. São eles “Literatura e Subdesenvolvimento”, publicado em 1970, e “A revolução de 1930 e a Cultura”, de 1980.

No primeiro, ao analisar as condições materiais da literatura inserida no contexto político, social e econômico da América Latina, e mais especificamente do Brasil, Candido propõe duas maneiras de pensar a situação de atraso e dependência cultural do país, refletidas também na arte literária, a saber: “a fase da consciência amena do atraso, correspondente à ideologia de ‘país novo’, e a fase da consciência catastrófica de atraso, correspondente à noção de ‘país subdesenvolvido’”³². O “romance do Nordeste” é caracterizado pelo crítico como uma “fase de pré-consciência do subdesenvolvimento” e, tendo sido um precursor dessa consciência, “o regionalismo foi uma etapa necessária, que fez a literatura, sobretudo o romance e o conto, focalizar a realidade local”³³.

O que os caracteriza, todavia, é a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto este focalizava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, eles desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consciência da espoliação econômica, não do seu *destino* individual.³⁴

³¹ Ibidem, p. 10.

³² CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 172.

³³ Ibidem, p. 192.

³⁴ Ibidem, p. 193.

Em “A revolução de 1930 e a Cultura”, Candido aborda alguns aspectos da vida cultural do Brasil posterior a 1930. Passando pelas mudanças na educação, nas artes, na literatura, nos estudos brasileiros e na indústria do livro, esse ensaio interessa-nos, sobretudo pela visão que expressa em relação ao Romance de 30:

Traço interessante ligado às condições específicas do decênio de 1930 foi *a extensão das literaturas regionais e sua transformação em modalidades expressivas cujo âmbito e significado se tornaram nacionais, como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira*. É o caso do “romance do Nordeste”, considerado naquela altura pela média da opinião como o romance por excelência. A sua voga provém em parte do fato de radicar na linha da ficção regional (embora não “regionalista” no sentido pitoresco), feita agora com uma liberdade de narração e linguagem antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o país ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura. [Grifo nosso].³⁵

No trecho em destaque, Antonio Candido reforça uma divisão entre o que seria uma literatura regional e outra nacional, e, apesar de elogiar o “romance do Nordeste”, ainda o mantém, de certa forma, distanciado da literatura dita nacional, principalmente quando se utiliza da seguinte construção no modo subjuntivo: “*como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira*”. Indubitavelmente, o Romance de 30, sobretudo o do Nordeste, desempenhou um papel de suma importância para a literatura nacional no que tange ao nosso reconhecimento como país repleto de desigualdades sociais, políticas e econômicas. Logo, não seria o fato de estar localizada em uma determinada região que reduziria sua potência literária, pois, como defende Nabupolasar Alves Feitosa: “Se por regional se entende a expressão das particularidades de uma região, então toda obra é regional, e aí não faz sentido o uso do termo”³⁶.

Na tentativa de construir um nacionalismo forte, que ganhou potência principalmente no período do Romantismo, o romance nordestino aparece como “água na fervura”, uma vez que trata de denunciar as mazelas existentes e representar as classes populares como desprivilegiadas em meio a um sistema que só se voltava para os mais abastados, impossibilitando, portanto, a concretização do sonho aparentemente “utópico” de se ter o Brasil como uma grande nação, tanto social como economicamente.

Alfredo Bosi, em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, distribui os romances brasileiros a partir de 1930 em quatro tendências: romances de tensão mínima, crítica, interiorizada e transfigurada. O crítico literário classifica *Usina* como um romance de tensão crítica em que: “O herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, formule ou não em

³⁵ CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a Cultura. In: *A educação pela noite*. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p. 226.

³⁶ FEITOSA, Nabupolasar Alves. *Pé-de-fogo: o regionalismo entre a política e a estética*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021, p. 34.

ideologias explícitas, o seu mal-estar permanente. Exemplos, obras maduras de José Lins do Rego (*Usina e Fogo Morto*) e todo Graciliano Ramos³⁷. Ressaltamos que esse herói que resiste às pressões deve ser visto não apenas como um único personagem, mas como um conjunto das classes populares o qual nos propomos analisar: os negros “recém-libertos”, os trabalhadores da usina e as mulheres. Procuraremos abordar como José Lins do Rego os apresenta em sua obra.

Em relação aos negros “recém-libertos”, é notório, por meio da narrativa, que sentiam certa nostalgia em relação ao período em que o engenho Santa Rosa era administrado pelo Coronel Zé Paulino. Cauby Dantas, em seu livro *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho* – em que busca entrelaçar e entender as relações existentes entre alguns trabalhos do sociólogo com os do romancista – destaca, nas obras de José Lins, o fato de que “Com a abolição de 1888 e sem muitas alternativas, muitos dos ex-escravos continuaram morando na casa grande, gravitando em torno de sua cozinha ou prestando pequenos serviços em troca de um prato de comida, como agregados, etc”³⁸. Em *Menino de Engenho*, esse sentimento e essa condição dos negros ficam patentes na visão do personagem-narrador Carlinhos:

Restava ainda a senzala dos tempos do cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição, ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala. E ali foram morrendo de velhas. Conheci umas quatro: Maria Gorda, Generosa, Galdina e Romana. O meu avô continuava a dar-lhes de comer e vestir. E elas a trabalharem de graça, com a mesma alegria da escravidão.³⁹

Em *Usina*, a realidade dos negros sofre um agravamento, pois o advento da fábrica de açúcar retira deles os últimos resquícios da alegria que lhes restavam, mesmo em tempos de escravidão. As figuras do moleque Ricardo e do negro Feliciano servem para ilustrar bem o desamparo causado na vida dos negros devido às transformações resultantes da instalação da usina.

O retorno do moleque Ricardo ao engenho Santa Rosa está eivado de uma nostalgia comum a muitos dos personagens de José Lins, sejam eles senhores, sejam subalternos. Decepcionado com a vida que encontrara fora dali, regressou do Recife e “encontrou seu povo desterrado”⁴⁰. Todos se mudaram para a casa de D. Inês; as irmãs foram abusadas, vivendo da prostituição longe da família; não reconhecera seu irmão caçula Rafael; e mãe Avelina estava velha e com “as veias das pernas estouradas”⁴¹. Porém, outra mudança significativa observada pelo

³⁷ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 52 ed. São Paulo: Cultrix, 2017, p. 419.

³⁸ DANTAS, Cauby. *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho*. Campina Grande: EDUEPB, 2015, p. 127-128.

³⁹ REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. In: REGO, José Lins do. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 90.

⁴⁰ REGO, José Lins do. *Usina*. In: REGO, José Lins do. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 749.

⁴¹ *Ibidem*, p. 752.

personagem foi a ocorrida no espaço geográfico, pois, quando chegou, “com pouco viu a usina, nua, amarelada, de chaminé comprida, com um fumaceiro saindo pelas telhas de zinco. Trens de cana espichavam-se pela antiga bagaceira”⁴². Assim, Ricardo deparou-se com uma nova realidade, bem diferente da que havia deixado anos atrás.

Depois de passar um ano trabalhando na usina, Ricardo conseguiu um emprego como caixeiro no Barracão de Seu Ernesto. Mãe Avelina orgulhava-se por ter um filho caixeiro da venda e que “sabia fazer contas, escrever o nome dos trabalhadores”. A princípio, o moleque cogitou ir embora novamente, mas, pensando principalmente na situação de sua mãe, decidiu ficar. Constituiu-se, portanto, como um personagem que, devido ao seu histórico já oriundo de obras anteriores, recebe um destaque central nesta obra e representa o impacto causado pelo encontro entre as duas realidades, uma que ficou apenas nas suas lembranças e a outra que é atual, real e cruel, já que “a vida era mais mansa no tempo do Santa Rosa”.⁴³

O moleque Ricardo, apesar de sua importância, é silenciado na obra em alguns momentos. Contudo, essa não deixa de ser uma característica do romance, pois, como afirma José Luiz Passos, “a falta de foco num só personagem ou linha narrativa faz da ação um painel de eventos simultâneos, coordenados por um narrador impessoal, que flutua entre os casos e se interessa por cada um deles”.⁴⁴ Ou ainda como se refere Antonio Candido às personagens do autor em geral, no ensaio “Um romancista da decadência”:

O Sr. José Lins do Rego tem a vocação das situações anormais e das personagens em desorganização. Os seus são sempre indivíduos colocados numa linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto. Os seus heróis são de decadência e de transição, tipos desorganizados pelo choque entre um passado divorciado do futuro.⁴⁵

Embora, neste ensaio, Candido direcione sua análise somente para a obra *Fogo Morto*, a definição que o crítico faz sobre as personagens condiz indiscutivelmente com o moleque Ricardo e com outras figuras fortes presentes nas obras de José Lins. No decorrer de sua trajetória em *Usina*, Ricardo ainda se envolve com Maria de Lourdes, filha do Filipe maquinista, e passa a viver com a jovem contra a vontade da mãe Avelina. O desfecho da personagem, porém, é trágico. Quase ao final do romance, trancado no Barracão com seu Ernesto e outro homem, que estava armado

⁴² Ibidem, p. 750.

⁴³ Ibidem, p. 755.

⁴⁴ REGO, José Lins do. Menino de Engenho. In: REGO, José Lins do. José Lins do Rego: Ficção Completa. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 16.

⁴⁵ CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO; Ângela Bezerra de (Org.). *José Lins do Rego*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; João Pessoa: Edições FUNESC, 1991, p. 392.

A representação das classes populares...

de rifle – na intenção de impedirem que os populares famintos invadissem a venda –, Ricardo, desnortado com a situação, não se conteve e, num impulso, decidiu abrir a porta:

A cabeça do moleque rodava, um zumzum, como de canto de cigarra distante, gemia nos seus ouvidos. Bateram na porta. E o cabra disparou um tiro à toa. Então, Ricardo correu, pulou o balcão da venda, se agarrou na tranca da porta para abrir. – O moleque está doido – gritou seu Ernesto. E uma bala pegou-o pelas costas. O povo entrou pela porta escancarada, passando por cima do corpo do negro ferido.⁴⁶

Assim, conclui-se a saga do moleque Ricardo, representante das classes populares que, com os seus impasses pessoais e sociais, não suportou ver toda aquela agonia e acabou perdendo a própria vida. Logo após a sua morte, o rio dá sinais do que estava por vir: “Naquela noite começara a relampejar nas cabeceiras do Paraíba”.⁴⁷

Outra personagem significativa para analisarmos a representação dos negros nessa obra é o velho Feliciano. Visto por José Luiz Passos como um dos três oráculos que anunciam a derrocada da usina, depois de ser afastado para a caatinga, começa a maldizer o Dr. Juca e todo o seu empreendimento:

O negro velho Feliciano não podia mais com o cabo da enxada. Diziam que, depois do negro Manuel Pereira, ninguém, na Ribeira, era mais velho do que ele. Vivia se arrastando, magro, alto, de carapinha embranquecida, mas falando, batendo a língua como um chocalho. A usina sacudira o pobre da várzea para a caatinga, arrancando-lhe o ninho que ele fizera, com os seus cacarecos, os seus troços.⁴⁸

Revoltado com tal situação, o negro, que “no tempo de José Paulino era tido na conta de gente”⁴⁹ e, por ser bastante religioso, tinha sua casa vista como “a igreja do povo”⁵⁰, passa a murmurar, a rogar pragas e a exasperar maldições contra o povo da usina. Feliciano, aos poucos, perde a razão, lançando maus agouros cada vez mais, a ponto de um dia fazer o seu Ernesto do Barracão perder a paciência e agredi-lo violentamente, o que causa a revolta de muitos. No capítulo XV, acontece o desfecho da trajetória dessa personagem também vítima do novo sistema predominante na usina. Certa noite, a casa do velho foi acometida por um incêndio cuja origem era desconhecida:

As chamas davam conta de tudo. Sentia-se até um cheiro de carne queimada. E passou pelo povo um frio de pavor. A carne de Feliciano cheirava como carne

⁴⁶ REGO, José Lins do. Usina. In: REGO, José Lins do. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 907-908.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 908.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 779-780.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 780.

⁵⁰ *Ibidem*.

de boi nas brasas. Não houve ninguém com a coragem de arrombar a porta e tirar o negro de dentro.⁵¹

Feliciano se fora, mas os seus santos e o oratório desaparecidos no incêndio diziam que haviam subido para o céu. Esse fato ficou conhecido como o milagre do Alto da Areia, atraindo a atenção de muitos romeiros. Contudo, três dias antes do acontecimento ocorrido no Barracão – mencionado anteriormente –, os santos do velho foram encontrados enterrados na várzea e enrolados em um lençol branco. Foi um grande alvoroço, e todos começaram a atribuir àquele fato a situação de fome e peste que vinha acometendo o povo, bem como a falência da usina. Neste ponto, justifica-se a figura de Feliciano como um dos oráculos da obra e ratifica-se a questão da religiosidade e das crendices, também recorrentes nas obras de José Lins do Rego.

Refletindo agora sobre os trabalhadores que estão representados na obra, é perceptível que eles são extremamente explorados tanto física quanto economicamente.

À tarde os trabalhos do Barracão se intensificam. Hora de conta com os trabalhadores, de despacho, centenas de homens levando comida para a casa, fazendo as suas contas. Dinheiro não corria na usina. A moeda corrente era uns vales de metal. Os trabalhadores davam o seu dia de serviço e quando conseguiam saldo ficavam com a sua moeda correspondendo ao valor. Trabalhavam pelo quilo de Ceará, pelo litro de farinha ou de feijão e quando o trabalho valia mais que a precisão de comer levavam para a casa o vale de tanto, a moeda que só tinha valor no barracão da usina. Ali eles teriam que comprar, ali eles teriam que deixar o metal que o seu suor, as suas 12 horas de sol ganhavam para isto. [...] A maioria, os cabras do eito, estes não tinham para onde correr. Moravam em terras da usina e não podiam fugir. Muitos se lembravam do banguê como de um tempo de ouro.⁵²

Os sertanejos que vinham de fora, os operários, os mecânicos e os cozinheiros de açúcar estavam livres do vale da usina. Embora trabalhassem bastante, a essa imposição não precisavam se sujeitar. Muitos trabalhadores emigravam para outros engenhos na esperança de ainda encontrarem por lá o antigo sistema e, assim, escaparem das garras do “monstro”, a usina. A culminância de toda essa situação envolvendo os trabalhadores se deu quando eles se revoltaram e invadiram o Barracão de seu Ernesto em busca de alimentos: “Pobres, que nunca tiveram coragem para levantar a vista para um superior, se enfureceram daquele jeito, virando feras, com garras de feras”.⁵³

Referente às mulheres, em *Usina*, perpassam tipos bastante diversificados. Dentre as muitas personagens femininas significativas do romance, como as mulheres negras – das quais já mencionamos tia Generosa –, a moderna Mrs. Mary, as prostitutas das pensões “Mimi” e “Peixe-

⁵¹ Ibidem, p. 819.

⁵² Ibidem, p. 756-757.

⁵³ Ibidem, p. 908.

Boi” e as duas filhas “namoradeiras” do usineiro, decidimos caracterizar melhor a personagem D. Dondon, que, apesar de não estar inserida nas classes populares, assemelha-se, em alguns pontos, com aquelas que a elas pertencem. A esposa do Dr. Juca, junto com as prostitutas, também é apresentada, por José Luiz Passos, como um dos oráculos presentes na obra, uma vez que, como o negro Feliciano, predizem ou profetizam o fracasso da empresa. A usineira, no começo do romance, pensa em dizer ao marido que aquele empreendimento não daria certo, mas desiste de alertá-lo ao ver toda a empolgação em que ele se encontrava.

Mulher dedicada aos filhos, bastante religiosa e sempre disposta a ajudar os menos favorecidos, compartilha com o moleque Ricardo, e com outras personagens, semelhante nostalgia pelos tempos anteriores ao da usina, embora por motivações diferentes:

D. Dondon amargava aquela condição de rica que a Bom Jesus lhe trouxera. Na cidade, num palacete confortável, invejada pelas parentas, que lhe gabavam a sorte, e no entanto ela só desejava uma coisa, era que a sua vida voltasse ao que fora, a boa vida do Pau-d’Arco.⁵⁴

Enquanto a nostalgia sentida pelos componentes das classes populares se devia, principalmente, a uma maior precarização das relações de trabalho, a sentida por D. Dondon estava relacionada ao seu estilo de vida anterior, pois, embora tivesse passado a desfrutar de maior luxo e riqueza com a chegada da usina, sentia saudades dos tempos do Pau-d’Arco, porque lá o Dr. Juca era mais próximo dela e dos filhos. Ainda que “Casara-se sabendo das histórias do noivo”⁵⁵, D. Dondon via os anos iniciais do seu casamento como um período de paz e felicidade familiar. Com o tempo, passou a sofrer calada por todas as traições do marido. Para esquecer as “vadiagens” do usineiro, resignou-se a cuidar dos quatro filhos, principalmente das duas moças, e delas não se descuidou enquanto não as viu casadas.

Quando Juca ficou doente, a esposa passou a se dedicar aos cuidados com o marido, a rezar dia e noite para que os santos lhe devolvessem a saúde. E, assim, ela o acompanhou até o final, caracterizando-se, portanto, como a típica mulher idealizada que a tudo suporta para manter o casamento e os laços familiares inabaláveis. Contudo, o Dr. Juca não tinha as mesmas preocupações da esposa, e os seus desajustes e a falta de planejamento acabaram levando a usina à derrocada. Nos quatro primeiros anos de safra, tudo correu muito bem: pôs os filhos para estudar em colégios caros no Recife, construiu um palacete bonito na capital para D. Dondon e viveu uma vida de luxo e extravagâncias. Porém, quando decidiu dar ouvidos ao Dr. Pontual e comprar um maquinário novo para a usina por meio de empréstimos com os americanos, até mesmo hipotecando as terras como garantia, assinara o seu decreto de falência. As coisas não saíram como o esperado, uma vez

⁵⁴ Ibidem, p. 724.

⁵⁵ Ibidem, p. 741.

que o maquinário não funcionou como haviam prometido, o preço do açúcar só baixava e ainda foi acometido por uma enfermidade que lhe causava muitas dores. Com tudo isso, a usina foi ficando cada vez mais endividada a ponto de ir parar nas mãos do rival Dr. Luiz, da São Félix, e ter até mesmo o seu nome trocado, passando a se chamar Santa Margarida.

No penúltimo capítulo, o Dr. Luís resolve fazer uma visita ao rival arruinado e lhe oferece estadia em um engenho de um conhecido, por saber que o Dr. Juca não tinha para onde ir com a família. D. Dondon, no entanto, entra na sala e desabafa: “não estavam de esmola. O Dr. Luís podia vir tomar conta da usina quando quisesse. Eles só estavam esperando a hora de sair. Não estavam de esmola. Tinham muito bem aonde cair.”⁵⁶ O visitante ficou envergonhado, desculpou-se e pouco depois deixou a casa. Quando o novo proprietário da Bom Jesus se retirou, Dr. Juca passou a refletir sobre tudo o que havia lhe acontecido até ali.

Sem dúvida, a chegada da modernidade ao antigo engenho, com o aumento da tecnologia e a busca ainda maior pelo lucro, causou inúmeros percalços na vida de donos e dominados. Na introdução de seu livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman afirma que:

Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”.⁵⁷

É possível vislumbrar o Dr. Juca, as demais personagens e até mesmo a usina mergulhados nesse “turbilhão de desintegração e mudança” do qual fala Berman. O que inicialmente parecia uma garantia de poder, riqueza, alegria e desenvolvimento transformou-se em desencanto, ruína, tristeza e retrocesso.

O terceiro e último oráculo, designado assim no texto de José Luiz Passos, é o rio Paraíba. No decorrer do romance, o rio tem seu leito desviado e ainda recebe detritos da usina, sendo possível, inclusive, identificar na obra certa denúncia de caráter ambiental: “O Paraíba descera

⁵⁶ Ibidem, p. 914.

⁵⁷ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 24.

A representação das classes populares...

lavando o seu leito das porcarias das caldas, espantando os urubus”⁵⁸. O rio também aparece personificado em algumas passagens, como na seguinte: “O Paraíba inchava de cheio, roncando. As suas águas cresciam”⁵⁹. A grande cheia do Paraíba foi responsável por desterrar o Dr. Juca, a esposa, a filha Maria Augusta e as negras para longe do Santa Rosa. Todos foram obrigados a subir para a caatinga – mesmo lugar para onde o ex-usineiro sacudira o povo da várzea –, fugindo da fúria das águas do rio. E, assim, chega ao fim o romance, com o Dr. Juca fracassado e, doente, a ser levado em carro de boi pela família, de modo a expor aos olhos de todos a sua fragilidade, expressada pelas últimas palavras da personagem: “– Isso é o mesmo que pedir esmola”⁶⁰.

Gilberto Freyre, em seu livro *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*⁶¹, também menciona a degradação sofrida pelos rios da região, causada pelo lançamento dos rejeitos das usinas de açúcar em suas margens ou em suas águas.

O monocultor rico do Nordeste fez da água dos rios um mictório. Um mictório das águas fedorentas de suas usinas. E as caudas fedorentas matam os peixes. Envenenam as pescadas. Emporcalham as margens. A calda que as usinas de açúcar lançam todas as safras nas águas dos rios sacrifica cada fim de ano parte considerável da produção de peixes no Nordeste.⁶²

Freyre, portanto, denuncia uma prática que era comum por parte dos usineiros naquele período. Tanto os rios da região quanto as pessoas que dele se utilizavam ficavam extremamente prejudicados com tamanho descaso. Em outra passagem, o autor refere-se às enchentes que vez por outra aconteciam e elogia a abordagem feita por José Lins do Rego:

Nem sempre tem sido idílica as relações entre a gente e a água desta sub-região do Nordeste onde faltar para as necessidades maiores do homem, a água não falta nunca (porque os rios verdadeiramente da “mata” nunca secam de todo nem os olhos-d’água ficam estorricados), mas onde às vezes transborda desadorada e terrível. As grandes cheias deixam sem mucambo centenas de gente pobre. Às vezes se afoitam até pelas casas-grandes. José Lins do Rego já nos contou, em página extraordinária – uma das mais fortes que já se escreveram em nossa língua –, o que são essas cheias nos engenhos do Nordeste. A água de repente se torna o maior inimigo do homem, dos bichos, das plantas.⁶³

Usina, por conseguinte, apresenta um enredo que sintetiza elementos históricos importantes para a compreensão do contexto brasileiro nos anos de 1930. Visando a fazer uma abordagem dialética entre texto e contexto, baseamo-nos na questão da modernização do engenho Santa Rosa e na sua conseqüente transformação na usina Bom Jesus. Esse processo de transição do sistema

⁵⁸ Ibidem, p. 915.

⁵⁹ Ibidem, p. 917.

⁶⁰ Ibidem, p. 919.

⁶¹ FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 7ª ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

⁶² Ibidem, p. 71.

⁶³ Ibidem, p. 70.

antigo para o mais moderno – que também refletia a busca pela industrialização no Brasil como um todo – foi ambicionado e posto em prática pela personagem Dr. Juca, por meio da aquisição de uma maquinária pesada, símbolo da modernização do Nordeste no período, passando a direcionar o desenvolvimento do romance, que vai do apogeu à queda da usina. Com isso, é possível perceber que a chegada da modernidade ao antigo engenho não significa necessariamente o progresso almejado por Dr. Juca e seus familiares. Na verdade, ocorre o inverso.

Para entender os percalços e as consequências do avanço industrial ocorridos no engenho Santa Rosa, procuramos analisar as condições de vida de alguns personagens, principalmente os que compunham as classes populares: a negra Generosa, o velho Teodoro, o negro Feliciano, o moleque Ricardo. Este constitui-se como uma personagem bastante significativa, pois transita por toda a obra, testemunhando as difíceis transformações pelas quais passou o engenho, bem como as agruras sofridas pelo seu povo em decorrência delas. Vimos que José Luiz Passos, em sua análise, situa o romance no contexto das transformações políticas, sociais e econômicas do governo de Getúlio Vargas e afirma que tais mudanças serviram de moldura para o enredo de José Lins, ratificando a ligação dialética existente entre aquele contexto histórico e o texto ficcional do escritor paraibano. O crítico ainda apresenta três oráculos na obra que, de certa forma, profetizam a derrocada da usina: o negro Feliciano, D. Dondon e as prostitutas e, por último, o rio Paraíba.

Procuramos também enfatizar os três por considerá-los, de fato, relevantes para entender a estrutura interna da obra e o desenlace que se dá em decorrência de um projeto de industrialização mal planejado e que causou tantas perdas. O destaque dado às personagens femininas, que são bastante diversificadas no romance, com ênfase na nostalgia vivenciada por Generosa e D. Dondon, ratifica a ideia da modernização como perda, atingindo a tudo e a todos de maneira avassaladora. Até mesmo a esposa do usineiro, pertencente à classe privilegiada, vivenciou interna e externamente a precarização da usina e os impactos causados por uma modernização mal administrada. A degradação moral e ambiental tão bem representadas na obra nos servem ainda de alerta contra essa corrida e busca irracional pelo lucro econômico que, infelizmente, permanecem atuais. A peste que aparece na obra: “A câmara de sangue começou a matar gente. Principiara na casa de Chico Baixinho. Dois meninos estavam lá obrando sangue. Era a câmbra de sangue, como dizia o povo, a peste que matava.”⁶⁴ também pode ser relacionada ao contexto vivenciado por todo o planeta a partir de 2020 em decorrência da Covid-19, que tirou a vida de milhares de pessoas. Situação semelhante à narrada em *Usina*: “E todo o dia chegava notícia de morte. Na Areia, raro era o dia que não descia um para o cemitério do Pilar.”⁶⁵ Em suma, podemos afirmar que as

⁶⁴ REGO, José Lins do. *Usina*. In: REGO, José Lins do. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976, p. 902.

⁶⁵ *Ibidem*.

transformações dos meios de produção, a partir da implantação da usina, geraram mudanças principalmente nas relações humanas. Os percalços não atingiram apenas os menos favorecidos, mas também os antigos donos. Dr. Juca teve de reconhecer a sua fragilidade em meio a um sistema esmagador, impulsionado pela ambição e propenso a atingir a todos.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. *Açúcar Amargo: arquitetura e arqueologia industrial do século XVI ao XIX*. Salvador: EDUFBA, 2021.

BARROS, Jaime de. Usina. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO; Ângela Bezerra de (Org.). *José Lins do Rego*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; João Pessoa: Edições FUNESC, 1991.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 52ª ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. A revolução de 1930 e a cultura. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Um romancista da decadência. In: COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO; Ângela Bezerra de (Org.). *José Lins do Rego*. 1a. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira; João Pessoa: Edições FUNESC, 1991.

COUTINHO, Edilberto. *O romance do açúcar: José Lins do Rego, vida e obra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

DANTAS, Cauby. *Gilberto Freyre e José Lins do Rego: diálogos do senhor da casa-grande com o menino de engenho*. Campina Grande: EDUEPB, 2015.

DUARTE, Mariana. *Enxadas de açúcar: economia e formação social na ficção de José Lins do Rego*. Curitiba: Appris, 2015.

FEITOSA, Nabupolar Alves. *Pé-de-fogo: o regionalismo entre a política e a estética*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2021.

FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. 7ª ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. *Talvez Poesia*. 2ª ed., ampl.- São Paulo: Global, 2012.

GOMES, Geraldo. *Engenho e arquitetura*. Recife: Fundaj; Ed. Massangana, 2006.

LIMA, Luís Costa. Regionalismo: José Lins do Rego. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil: modernismo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A., 1970.

PASSOS, José Luiz. O rito da modernização impossível. In: REGO, José Lins do. *Usina*. 20ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

REGO, José Lins do. Usina. *In*: REGO, José Lins do. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976.

REGO, José Lins do. Menino de Engenho. *In*: REGO, José Lins do. *José Lins do Rego: Ficção Completa*. V.1 Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1976.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

SANTOS, Gladson de Oliveira. *José Lins do Rego e a modernização da economia açucareira nordestina*. São Paulo: Perse, 2014.

Recebido em: 12.06.2021
Aprovado em: 10.04.2022